

Secularização na sociedade biotecnológica da informação

Fábio Cristiano Rabelo^()*

Resumo:

Com o progresso da tecnologia da informação e das neurociências, a aventura humana na civilização ocidental entra em uma nova fase. Para melhor compreender este processo, será necessário percorrer a história da experiência da consciência do ser humano do qual o processo de secularização é componente importante. Abandonando as culturas tribais, o caminho tomado pela cultura humana se dirigiu à experiência cósmica na qual o sujeito humano se encontrava oprimido por uma ordem natural inexorável a qual ele devia se submeter. No tempo eixo, período histórico entre os séculos VIII e II a.C., operou-se a descoberta da transcendência, iniciando-se o processo de secularização. Com a busca de um princípio originário ordenador fora do mundo, seja nas marcantes experiências da transcendência como palavra da revelação em Israel e como ideia na Grécia, iniciou-se um processo de dessacralização da natureza. Com o advento da modernidade pós-cristã e o nascimento da ciência moderna, o processo de secularização se acentuou, criando um abismo cada vez maior entre o humano e natural como produto da *hybris* humana. Com o progresso das neurociências e da tecnologia da informação nos séculos XX e XXI, delineia-se uma nova fase neste processo no qual a desvinculação entre o ser humano e a natureza mostra-se de forma mais poderosa e eficaz pelo gradativo surgimento das realidades virtuais. Nesta nova etapa, enfrentamos os limites do humano e o risco da extinção diante das mazelas ecológicas. A pergunta que permanece é se a aventura humana continuará ou se desaparecerá diante de um novo paradigma e diante da ameaça da extinção biológica.

Palavras-chave: secularização.tempo-eixo.revelação cristã.antropologia.pecado original

1. Introdução

Esta comunicação tem por meta aprofundar o significado da secularização. Para empreender tal tarefa, buscaremos na história dos últimos 3000 anos a experiência da consciência humana de encontro e desencontro com o mundo natural, no qual o ser humano definiu seu papel na ordem do mundo.

^(*) Mestrando da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Percorreremos a experiência do tempo eixo no qual o ser humano descobre-se participante único da existência, diferenciando-se do mundo natural. Neste período da história, descobre-se o princípio absoluto transcendente, fundamento do mundo natural.

Depois passaremos para o despontar de uma nova ordem da consciência no alvorecer da modernidade pós cristã no qual todo o simbolismo ordenador do mundo até então foi questionado.

A partir da crise da modernidade vislumbraremos um possível próximo passo no processo e secularização que se define como uma estranha supressão do processo histórico até então vivenciado.

Por fim, indagaremos sobre as possibilidades do ser humano diante da virtualização da realidade a serem desenvolvidas numa possível próxima fase da secularização que se configura como desencarnação do ser humano.

2. Secularização, Filosofia e Teologia da Transcendência

Em linhas gerais, a secularização consiste no processo de dessacralização de diversas atividades dependentes total ou parcialmente da religião. Esta comunicação tentará demonstrar as limitações deste conceito, mergulhando mais profundamente na história da experiência da consciência. Objetivamos demonstrar que a realidade chamada secularização parece consistir num fenômeno muito mais complexo.

Diante da realidade do progresso das neurociências e da tecnologia da informação, urge buscarmos o sentido existencial mais profundo deste evento histórico único a marcar indelevelmente a história humana.

Retrocedendo no tempo a períodos anteriores ao século VIII a.C., perceberemos uma configuração intracósmica da civilização humana. Nela, a comunidade estava submetida ao poder inexorável da natureza e a ele deveria se submeter. Todo o sentido da existência humana era construído a partir da natureza em seus ciclos de estação e de movimentos dos astros celestes. As divindades eram potências naturais personificadas tais como o vento, o trovão, os céus e a terra. Nesta realidade, os governantes exerciam um papel de manutenção da ordem sagrada da natureza conforme Voegelin (2009, p.73).

Entre o séculos VIII e II a.C., brilhou a luz da descoberta da transcendência na faixa geográfica do continente eurasiático do extremo oriente ao mediterrâneo. A transgressão dos limites do mundo impostos pela natureza em direção a uma realidade extramundana na

experiência da transcendência conduziram a aventura da consciência humana a uma nova visão paradigmática. Isto se torna possível pela constatação da participação no Ser. A consciência humana percebe-se como parte da existência e se pergunta sobre a permanência e o fluir dos entes, simbolizando adequadamente este Ser que se mostra incognoscível em sua totalidade. A irrupção do problema da transcendência provocou um revolver profundo nos campos da experiência humana do conhecer, do agir e do crer, conforme Vaz (2002, p.209). O conhecer tende à Verdade, o agir ao Bem e o crer à unidade com o Absoluto. E assim se delineava o caminho da experiência da transcendência a ser tomado pela civilização ocidental presidida pelas duas formas paradigmáticas da transcendência como palavra da revelação em Israel e da transcendência como ideia na Grécia.

Na experiência da transcendência como Palavra da revelação em Israel, o Absoluto se faz presente como “Apelo, Promessa e, finalmente, aliança cuja iniciativa vem de Deus ou do transcendente, do qual procede igualmente a escolha gratuita do Povo depositário da Promessa e parceiro da Aliança” (VAZ, 2002, p. 211), tendo lugar sua imprevisível descida (katábasis). Assim, a Verdade é entendida como fidelidade de Deus à sua promessa, o Bem como lei e instrução divina para a vida e o Uno como unicidade e soberania absoluta de Deus sobre o cosmos, a partir de então colocado como criatura.

Na cultura grega, o paradigma da transcendência apontou para um arquétipo ideal transcendente, adquirindo feição noética. Nesta experiência histórica, a crítica da tradição mitológica se fez sob o signo da Verdade do ser (alétheia), caracterizando-se no movimento de ascensão ou de trabalhosa anábasis da mente rumo à intuição plenificante que consumaria a união da inteligência (nous) com o inteligível supremo (noeton). Isto implica numa conformação com o Ser Uno, Bom e Verdadeiro em uma vida virtuosa. E assim, deu-se o percurso e o desenvolvimento da filosofia na consciência da transcendência como idéia na Grécia.

Nesta experiência da transcendência iniciou-se o processo de secularização. O alargamento do horizonte da consciência humana retirou da ordem natural a primazia, colocando um fundamento transcendente para o todo da realidade. A ordem não era mais imanente à natureza, mas determinada por um princípio que se coloca além dela.

Na passagem de uma visão para a outra deram-se vários embates, paradigmaticamente exemplificados pela relação tempestuosa entre profetas e realeza em Israel e pela crítica de Xenófanes aos deuses míticos.

O encontro destas duas formas de experiência da transcendência ocorrem no evento histórico do cristianismo o qual tem como revelação definitiva de Deus o Lógos Encarnado, ou seja, o Lógos grego se encontra com a Dabar hebraica.

O Fato do Cristo significa que a eternidade se fez tempo, ou seja, o transcendente, num movimento imprevisível de Katabasis, numa inversão simetricamente rigorosa e perfeita da anabasis da Filosofia grega, desce gratuitamente à imanência histórica, ao se fazer pessoa humana, conforme os documentos e os testemunhos que dele nos falam, estabelecendo o Mediador na pessoa de Jesus de Nazaré que é, simultaneamente, a mediação e seu termo, ou seja, o Absoluto na história.

Este evento histórico se tornou possível graças à infinitude intencional do ser humano que o torna capaz de se abrir a uma realidade além deste mundo ou se fechar em si mesmo conforme podemos vislumbrar na comparação entre Adão e Jesus Cristo. De nada adiantaria a presença do Absoluto na história se não houvesse possibilidade de sua acolhida por parte do ser humano.

No relato da criação contido no segundo e terceiro capítulo do Gênesis, Deus cria um jardim em éden como espaço de sua relação com a humanidade. A linguagem mítica estabelece o mundo como o lugar por excelência da relação com Deus. A vida humana passa a ser existência diante de Deus no mundo. Porém, o ser humano entende erroneamente que Deus é independência, conhecimento e poder absoluto e almeja isto para si, desejando determinar seu destino sem a presença de Deus, colocando o Absoluto divino como um adversário a ser superado. Para isto transgredir a lei divina, quebrando a relação, a fim de estabelecer como sujeito autossuficiente, atentando contra a própria vida e negando-se como ser limitado.

Em Jesus de Nazaré, podemos conhecer um homem caracterizado pela total abertura ao outro semelhante e ao outro Absoluto. Nele percebemos a realização da plenitude da vocação humana em uma relação harmônica com toda a criação. Desde o início dos relatos evangélicos até o seu ápice, podemos vislumbrar a concretização do Reino de Deus seja pela expulsão do príncipe deste mundo ao vencer as tentações no deserto, seja fazendo iniciar uma amizade entre Herodes e Pilatos que eram inimigos declarados. Na sua ressurreição, podemos perceber a mais poderosa experiência de transcendência pela consumação de uma nova criação elevando a existência humana à divindade pelo poder do Espírito divino. Aqui, é vencida a tentação da humanidade pelo anseio de uma vida divina na qual Deus não poderia tomar parte. É mais uma vez entregue o domínio do mundo ao homem, para o

estabelecimento e a criação de um jardim no qual poderia se dar esta relação com o Deus cristão de amor.

Portanto, na experiência da transcendência no cristianismo, a tradição noética grega foi profunda e radicalmente repensada em face do problema da existência e a tradição profética bíblica foi retranscrita no código filosófico elaborado segundo as exigências do problema da ideia, constituindo a linguagem canônica da transcendência na história ocidental até o advento da modernidade pós-cristã que viria a refazer de modo profundo e radical o modelo das relações até então vigentes entre filosofia e religião, implicando em uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, em uma revolução profunda na secularização, conforme veremos no capítulo seguinte.

3. Secularização na Modernidade Pós-Cristã

O processo de secularização encontra-se intimamente ligado à evolução da consciência humana. Partindo da cultura intracósmica, a aventura da consciência humana passa pela descoberta da transcendência, presidida no ocidente pelas experiências da transcendência como Palavra da revelação em Israel e como Ideia na Grécia. Encontrando-se no cristianismo, as experiências israelita e grega de transcendência, deram fruto a uma civilização caracterizada por uma experiência histórica de transcendência com traços de profunda e radical novidade, repensando a tradição noética grega em face do problema da existência e transcrevendo a tradição bíblica no código filosófico elaborado segundo as exigências do problema da ideia. E assim se constituiu a linguagem canônica da experiência da transcendência na cultura ocidental.

Em 1517, iniciou-se o processo histórico da ruptura da unidade da Igreja cristã pelo processo da reforma luterana. Foi mais um passo importante no processo de secularização. Não era mais necessária a mediação da instituição eclesial para a obtenção da revelação divina. O livre exame libertava o ser humano do jugo da instituição e o tornava um ser livre para interpretar a vontade divina. Este é um dos inícios do individualismo moderno.

Em 1629, com as *Regulae ad directionem ingenii* de René Descartes despontou um novo sol filosófico a reorganizar o sistema de razões dominantes da sociedade. Com a revolução científica, as razões até então responsáveis pela ordenação do mundo foram colocadas em xeque. Os fundamentos apresentados pela escolástica no intento de dar um

significado e uma ordem ao mundo se mostraram insuficientes. Diante disso, Descartes propôs um novo caminho para o conhecer, sem redefinir os rumos do crer e do agir. Em seu discurso do método, Descartes questiona a existência do mundo e de toda a existência, retendo no cogito a possibilidade de uma existência humana imaterial. Acaba por cindir o ser humano em espiritual (*res cogitans*) e material (*res extensa*). É lhe atribuído por muitos, o papel de ser um dos pais do método científico moderno. Como um dos primeiros a definir um método para a ciência moderna nascente, também determinou qual deveria ser sua tarefa. Na sexta parte de seu discurso do método, Descartes (2000, p. 86) afirma

em lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, é possível encontrar-se uma outra prática mediante a qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão claramente como conhecemos os vários ofícios de nossos artífices, poderíamos utilizá-los da mesma forma em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como senhores e possuidores da natureza.

Concluimos, conforme Descartes, ser o programa da ciência moderna o senhorio e a posse da natureza. Neste ponto da história uma grande revolução na consciência humana se operou. A natureza, de sagrado intocável nas culturas intracósmicas, passa a objeto de pesquisa e manipulação científica. A referência central do sentido da vida humana é imanentizado na racionalidade do sujeito e o absoluto transcendente se torna mais uma causa para explicação do todo do real ao invés de fundamento da existência.

No século XVIII, Kant reforça a proposição de Descartes na crítica da razão pura, ao colocar impossíveis de serem conhecidos Deus, a pessoa e o mundo. Delimita o conhecimento humano ao fenômeno, completando a transposição da metafísica clássica para a metafísica da subjetividade. Na moral, propõe o imperativo categórico que afirma para agir como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal. Assim, operou-se a transição da consciência da transcendência para uma consciência secularizada. Crer, agir e conhecer não dependiam mais de um absoluto transcendente para terem uma fundamentação. O sujeito pensante passou a ser o princípio ordenador do mundo. A humanidade via-se livre do poder da Igreja, de Deus e do estado de direito divino. Parece a razão ser a grande força motriz a conduzir a humanidade rumo a um futuro brilhante.

Este sonho de uma civilização das luzes da razão encontrou seu fim no acontecimento histórico das duas guerras mundiais. A razão não mais seria unicamente identificada com a civilidade e o progresso por causa de seu uso para fins selvagens como o extermínio étnico perpetrado na shoah.

A partir deste momento, inicia-se a instauração da crise na qual atualmente nos encontramos imersos. O fim das grandes ideologias sociais com a queda do muro de Berlim

provoca um profundo vazio de sentido existencial, posto que o caminho à transcendência se encontra interdito pelo progresso científico.

No fim, o ser humano somente se revela mais um animal entre outros. Como esta angústia poderá ser aplacada? Como a sede de sentido e ordem do espírito humano poderá ser saciada se o caminho até a transcendência se encontra interdito pela razão pós-cristã e a natureza se mostra como serva a ser explorada, não podendo mais fornecer sentido à vida humana?

Por outro lado, a exploração desenfreada dos recursos naturais coloca o homem diante do risco da extinção. Urge um desenvolvimento da consciência para a preservação da vida na Terra.

Diante deste cenário, várias posições se mostraram possíveis: a preocupação em fruir dos bens e dos prazeres da vida mediante a incerteza do futuro, um romântico retorno à mentalidade pré-moderna e pré-cristã com as experiências de neopaganismo, uma idealização da era da cristandade nostalgicamente alimentada e o sucessivo crescimento dos mais variados tipos de fundamentalismo entre outras.

Entre todas estas experiências, uma se destaca no processo de secularização conforme pretendemos apresenta-lo. Consiste na desvalorização da história prenunciada por Nietzsche pela ideia do eterno retorno do mesmo e o consequente processo de desencarnação do ser humano, sendo visto cada vez mais como um computador cujo processador (o cérebro) pode ser manipulado e programado para sensações e experiências sem necessitar de contato com a realidade. Este será o tema a ser tratado no próximo capítulo.

4. Secularização como Desencarnação

No século XVII, com o nascimento da ciência moderna e a mudança na forma do crer trazido pela reforma protestante iniciou-se o ambicioso projeto da modernidade pós-cristã ao despontar um novo sol filosófico a reorganizar o sistema de razões dominantes da sociedade. Em seguida, houve uma profunda revolução nas estruturas da sociedade que colocou como fundamento de sentido e ordenação do mundo a razão humana. Esta nova ordem parecia promissora até o advento das duas guerras mundiais do século XX. Com a sucessão destes eventos pela guerra fria e a derrocada do socialismo soviético, a sociedade entrou em crise profunda não encontrando mais um fundamento para o agir, o crer e o conhecer. Assim

fragmentou-se a vida humana em pluralidade de sentidos e a ordenação do mundo acabou sendo entregue a grupos dos mais diversos.

O processo de secularização como o propomos ainda não se encerrou e parece despontar no horizonte sinais dos rumos eventuais a serem tomados nesta jornada de dessacralização do mundo.

O desenvolvimento da tecnologia da informação ocorrido na segunda metade do século XX conduziu a vida humana a um novo patamar. Segundo Spadaro (2012, p.46), por meio do ipod, o ouvir não é mais uma atividade, mas a criação de um ambiente. Dessa forma a audição humana se desliga da natureza para vivenciar sons ambientes determinados pelo sujeito. Com o desenvolvimento da Internet, as relações humanas não precisam do espaço físico real para acontecer. O corpo deixa, pouco a pouco, de ser a expressão do sujeito no mundo para ser substituído por um avatar eletrônico. Na realidade virtual, a aceitação da manifestação da alteridade é desnecessária, pois o sujeito se torna capaz de escolher e determinar com quem deseja estabelecer relação, aceitando ou bloqueando em seu perfil as manifestações de alteridade. O clamor do outro pode ser bloqueado, evitando qualquer situação incômoda. A única limitação para a vivência plena na realidade virtual é a incapacidade de fazer a corporeidade vivenciar sensações sem ter vínculos com o mundo.

As neurociências completam o quadro da desencarnação do ser humano. Considerando o corpo humano uma máquina conforme o pensamento cartesiano, o cérebro acabou por se transformar na unidade central de processamento deste corpo. Aliada à negação da existência de uma realidade transcendente e baseando-se na teoria da evolução, os cientistas contemporâneos tentaram encontrar uma explicação para a existência de uma unidade de processamento tão poderosa. Francis Crick (BEAUREGARD, 2008, p.11), como codescobridor do código genético, descreve em *The Astonishing Hypothesis*: “Nossos cérebros deenvolvidíssimos, afinal, não evoluíram sob a pressão de descobrir verdades científicas, mas apenas para nos tornar capazes de sermos inteligentes e deixar descendentes”.

O cérebro humano é comparado com um complexo computador, conforme as palavras de Marvin Minsky (BEAUREGARD, 2008, p. 52) , guru da inteligência artificial: “Tudo, incluindo o que acontece no cérebro, depende disto e apenas disto: um conjunto de leis determinísticas fixas. Um conjunto de acidentes puramente aleatórios”. Também afirma: “A mente humana é um computador feito de carne”.

Diversas experiências têm sido conduzidas buscando descobrir como supostamente é possível programar o cérebro humano para obter reações específicas do corpo. Se o todas as

ações humanas são produto de reações bioquímicas somente, é possível programar o sujeito para ter sensações em ambientes simulados. Pode-se fazer alguém sentir estar comendo chocolate enquanto se ingere terra, ou sentir fome estando o organismo totalmente satisfeito.

O suposto progresso da neurociência torna possível a realidade virtual emular a experiência real do mundo físico. Este seria o próximo e, talvez, definitivo passo da secularização a se anunciar: a libertação de toda experiência natural. O ser humano passaria a ter senhorio sobre todas as suas sensações. Estaria finalmente livre da dependência do mundo físico para viver a experiência de interação. Numa realidade anunciada na trilogia Matrix dos irmãos Wachowski, o ser humano estabeleceria suas relações de pseudo alteridade e se reconheceria como deus na máquina, escolhendo sentir todos os prazeres da vida sem vivenciá-los.

Esta realidade pode ser também anunciada pela gradativa desvalorização da existência corpórea, seja na corpolatria dos frequentadores da academia ansiando por um corpo idealizado, seja pelo descuido dos viciados em internet a valorizar apenas as informações de suas cabeças e produzir a imagem que desejam de si próprios.

5. Conclusão

Este opúsculo não pretende ser um exercício de futurologia ou pessimismo diante do progresso das ciências. Temos por meta apresentar alguns riscos que se delineiam no horizonte da história humana.

O crescente perigo de desumanização das relações humanas no processo de secularização é o alvo desta comunicação. Se tais ameaças em concretização se plenificarem, poderemos ainda falar em humanidade? Ou será que tal risco é inexistente e vai acabar sendo apenas mais uma fonte de desordem no espírito humano incapaz de suportar tal alienação?

Não temos respostas definitivas a estas questões, porém talvez possamos indicar algumas saídas deste caminho tenebroso pelo qual se envereda o sujeito humano. O retorno crítico e maduro à experiência da transcendência responsável pela ordem e sentido da civilização humana nos últimos 3000 anos aproximadamente poderia indicar uma solução para a crise em que nos encontramos imersos restabelecendo um nexos civilizacional no qual o conhecer, o agir e o crer recuperassem seu significado em contraponto ao modelo da

realidade virtual na qual a história não tem relevância, o agir é concretização dos desejos, o conhecer é desnecessário e o crer, vazio.

Portanto somente na conversão do coração e da mente em êxodo de si mesmo para o outro, semelhante e absoluto, que encontraremos a realização e nossos anseios humanos mais profundos. Viver uma vida na virtualidade não é uma existência grata como têm demonstrado as doenças psíquicas dos últimos decênios.

BEAUREGARD, Mario; O'LEARY, Denise. O cérebro espiritual: uma explicação neurocientífica para a existência da alma. Rio de Janeiro: Bestseller, 2008.

DESCARTES, Rene. Descartes. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SPADARO, Antonio. Cibeteologia: Pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola, 1997.

VOEGELIN, Eric. Ordem e história: Israel e a revelação. São Paulo: Loyola, 2009.